



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. II, v. I mai. -out. 2019

p. 192-208.

“Quer me tributar, me chupar, foder-me porque sabe que é maravilhoso ser fresco”¹: a poesia-bicha de Paulo Augusto¹

João Victor Gomes Varjão²

RESUMO: Este ensaio pretende proceder a bicha nas poesias de *Falo* de Paulo Augusto (2003) para buscar um pensamento bicha. Busca-se acompanhar as linhas que a bicha traça, subverte e inverte em sua existência. Para isso, primeiramente, procura-se problematizar acerca dos dispositivos de gênero e sexualidade, problematizado por Foucault (2014), Preciado (2014) e Zamboni (2016), tendo a bicha como um sujeito desviante dos dispositivos. Para analisar a obra *Falo* de Paulo Augusto, utilizar-se-á, teórico-metodologicamente, do conceito de literatura menor, tomando as poesias-bichas como parte de um enunciado coletivo da bicha. A bicha, em *Falo*, se inscreve por meio do devir, desconstruindo territórios e ultrapassando identidades – a bicha problematiza identidades, conceitos, categorias – causa confusão epistemológica. A bicha traz problematizações acerca do aparelho do Estado e suas táticas de governabilidade – desembocando em problematização acerca de gênero e sexualidade. Além disso, a bicha contra-ataca a política e suas estratégias; tira sarro dos déspotas. A poesia-bicha de Paulo Augusto nos permite refletir acerca das construções identitárias que, embora se pareçam fixas e naturais, são construções advindas de um dispositivo discursivo complexo. Percebendo contradições na própria ciência, a bicha permite que se reflita acerca de categorias e metodologias científicas, em uma insistente problematização. A existência bicha pode permitir que seja feita descentralização do pensamento – um pensar de outro modo, um pensamento bicha.

PALAVRAS-CHAVE: bicha; LGBT; poesia; subversão de gênero e sexualidade; Paulo Augusto.

Abstract: This paper intends proceeds the bicha (faggot) in the poems of *Falo* of Paulo Augusto (2003) to seek a bicha thought. It seeks to follow the lines that the bicha traces, subverts and reverses in its existence. For this, first, we try to problematize about the devices of gender and sexuality, problematized by Foucault (2014), Preciado (2014) and Zamboni (2016), having the bicha as a deviant subject of the devices. In order to analyze Paulo Augusto's work *Falo*, he will use, theoretically-methodologically, the concept of minority literature, taking the poetry-rows as part of a collective statement of the queue. The queue, in *Falo*, is inscribed through becoming, deconstructing territories and overcoming identities - the bicha problematizes identities, concepts, categories - causes epistemological confusion. The bicha brings problematizations about the State apparatus and its tactics of governability - leading to problematization about gender and sexuality. In addition, the bicha counterattacks politics and its strategies; make fun of the despots. The poetry of Paul Augusto allows us to reflect on the constructions of identity that, although they seem fixed and natural, are constructions coming from a complex discursive device. Perceiving contradictions in the science itself, the bicha allows one to reflect on scientific categories and methodologies, in an insistent problematization. The bicha existence can allow decentralization of thought to take place – a thinking in another way, a bicha thought.

¹ Este ensaio é uma versão reduzida da monografia do autor, defendida para a graduação em Ciências Sociais, em 2018, pela Universidade Federal do Vale do São Francisco, orientada pelo Dr. Gabriel Pugliese. O texto procura apresentar de maneira sucinta o conteúdo da monografia e ampliar algumas reflexões teóricas do trabalho.

² Mestrando em Antropologia Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: victor4@gmail.com

Recebido em 31/01/19

Aceito em 28/06/19

Keywords: bicha (faggot); LGBT; poetry; subversion of gender and sexuality; Paulo Augusto.

Resumen: Este ensayo pretende proceder a la bicha (maricón) en las poesías de *Falo* de Paulo Augusto (2003) para buscar unpensamiento bicha. Se busca acompañar las líneas que la bicha traza, subvierte e invierte en su existencia. Para ello, primero, se busca problematizar acerca de los dispositivos de género y sexualidad, problematizado por Foucault (2014), Preciado (2014) y Zamboni (2016), teniendo la bicha como un sujeto desviado de los dispositivos. Para analizar la obra *Falo* de Paulo Augusto, se utilizará, teórico-metodológicamente, del concepto de literatura menor, tomando las poesías-bichas como parte de un enunciado colectivo de la bicha. La bicha, en *Falo*, se inscribe por médio del devenir, deconstruyendo territorios y superando identidades - la bicha problematiza identidades, conceptos, categorías - causa confusión epistemológica. La cola trae problematizaciones acerca del aparato del Estado y sus tácticas de gobernabilidad - desembocando en problematización sobre género y sexualidad. Además, la bicha contra ataca la política y sus estrategias; y en el caso de los déspotas. La poesía-bicha de Paulo Augusto nos permite reflexionar acerca de las construcciones identitarias que, aunque se parezcan fijas y naturales, son construcciones derivadas de un dispositivo discursivo complejo. Percibiendo contradicciones en la propia ciencia, la bicha permite reflexionar sobre categorías y metodologías científicas, en una insistente problematización. La existencia bicha puede permitir que se haga descentralización del pensamiento - un pensar de otro modo, un pensamiento bicha.

Palabras clave: bicha (maricón); LGBT; poesía; subversión de género y sexualidade; Paulo Augusto.



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. II, v. I mai. -out. 2019

p. 192-208.



Recebido em 31/01/19

Aceito em 28/06/19

1. Por um pensamento bicha

Como pensar a sexualidade e o gênero em tempos de regime de exceção?

Como não sucumbir à maquinaria heterocentrada que, meticulosamente, procura circunscrever nos corpos gêneros e sexualidades restritas, pouco criativas e, biologicamente, recortadas? Como não se perder no medo que insurge no discurso fascista centrado e que pode, estrategicamente, nos epistemicidiar?

A contraestratégia é simples: Pensar com a bicha – ou melhor, pensar *bichamente*.

É preciso afetar o pensamento com bichice. E aqui não há nada de abstrato, é preciso considerar a existência bicha – que transpassa corpos, conceitos, identidades, dispositivos – em constante devir, um anti-objeto Ocidental. Não buscando aprisionar em um conceito sociológico, mas, justamente, para demonstrar que esses conceitos muito bem amarrados são frágeis, problemáticos e, por ventura, segregacionistas.

A bicha, movida por devir, não existe aqui, nem aculá – ela existe *entre*, no meio; – não aceitando nenhuma definição final, quadrada e pouco criativa. É importante salientar que não estamos fazendo um empreendimento abstrato. Pelo contrário, é preciso segui-la seriamente: pensar os problemas que ela levanta; as desconstruções que ela realiza; linhas que ela atravessa e faz fugir – é preciso, portanto, pensar *bichamente*.

Se Zamboni e Balduci (2013, p.283) propõem uma filosofia bicha que realiza uma “pop’análise’ do universo, cortado e montado em pedaços pelas suas facas e giletes próprias, os conceitos”, propomos uma metafísica bicha, como um esforço por uma antropologia bicha.

A bicha, em sua multiplicidade constituinte, está em todo lugar.

Surge na infância, profetizado no xingamento: “bicha!”. Percorre os corpos com seus trejeitos amaldiçoados: “bicha!”. Rejeita o cu como órgão abjeto e tão-somente de excreção, para torná-lo parte de experimentação da *arte sexual*³ – uma bomba erógena: “bicha!”. É o Diabo em forma de gente, (OLIVEIRA, 2017) rejeitada pela homossexualidade, (ZAMBONI, 2018; 2016)

³ Pelo cu, “o sistema tradicional de reprodução sexo\gênero vai à merda”. (PRECIADO, 2014, p. 32)



amaldiçoada pelos bons costumes: “bicha!”. Leva *lampadada* na rua, mas corta o bofinho com a navalha da língua: “bicha!”

“A bicha configura uma insistente problematização do que somos, rejeitando as finais soluções — que são sempre propostas pretendendo exterminar o problema, (dis)solver suas (com)posições”. Ela inventa novos mundos, novos meios de viver, novas formas de resistir. É “uma figura problemática, uma personagem incômoda, corruptiva das imagens estáveis e confortáveis que criamos para nós mesmos”. (ZAMBONI, 2016, p. 12)

Por isso, recorreremos ao pensamento *bicha* como forma de sobrevivência, resistência e subversão.

Para isso, vamos a uma das linhas que ela traçou.

Não buscando capturá-la, mas procurando procedê-la – “Proceder, tanto no sentido de se colocar em posição de ceder quanto no de encaminhar uma maneira de agir”. (ZAMBONI, 2016, p. 12) Assim, recorreremos a uma poesia-bicha, que tanto se buscou silenciar, mas que, resistentemente, insistiu em viver, gritando, espalhafatosa mais de quarenta anos: a bicha em *Falo*, do poeta nordestino Paulo Augusto, publicado em 1976.

2. O enunciado coletivo bicha em *Falo*

Recorremos a *Falo* de Paulo Augusto.

O livro de poesia é uma obra precursora a trazer a bicha na literatura brasileira e, no entanto, completamente, esquecida. *Falo* fora somente editado duas vezes. Sua tiragem foi pequena, comparada a muitos livros da mesma época. Além disso, há poucas citações a respeito do livro, mesmo em pesquisas sobre literatura homossexual no Brasil.

Apesar dessa tentativa de calar Paulo Augusto, sua bicha é como um lobo: uiva atrás de outras bichas, fresca, espalhafatosa, revolucionária. É preciso perceber que essa tentativa de o silenciar faz parte da estratégia da maquinaria cis-heterossexual: é tática muito precisa de “calar as pessoas, impedi-las de falar, e, sobretudo, quando elas falam, fazer de conta que não disseram nada”. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 66-67)

Apagar a história e a potência da bicha é uma prática comum no Brasil – seja nas ciências,



seja no movimento LGBT, seja nos estudos de gênero e sexualidade, como bem demonstra Jésio Zamboni (2018; 2016; 2013). A bicha é perigosa, por isso, é tornada vilã, demônio. Procuramos fazer uma reparação histórica com a bicha – fazer de sua margem, o nosso centro epistemológico.

A poesia-bicha de Paulo Augusto é tomada como nosso centro de estudo – são nos versos que a bicha atua, reivindica e revoluciona. Essa poesia-bicha se inscreve como um enunciado coletivo, resultado do choque – e da fricção – de categorias, identidades, conceitos, autor; homossexual; bicha; nordestino; poeta... Sua anunciação é coletiva: a das bichas.

Por isso, tomamos *Falo*, teórico-metodologicamente, como parte de uma literatura menor, definida por Deleuze e Guattari (2015). Essa literatura, nada teria a ver com a qualidade ou quantidade, mas com a produção que uma minoria faz com uma língua maior: a bicha numa sociedade heterocentrada.

Deleuze e Guattari (2015, p. 35) definem a literatura menor por três características. A primeira é de que a língua é afetada por “um forte coeficiente de desterritorialização”, fazendo de sua literatura algo impossível. Paulo Augusto faz essa literatura impossível: pela impossibilidade de não escrever, pela sua consciência nacional, incerta e oprimida; pela impossibilidade de escrever como um macho-hétero, por ser homossexual; pela impossibilidade de escrever como nordestino, por ser bicha; pela impossibilidade de escrever de outro modo.

A segunda característica é que, na literatura menor, é tudo político. Em seu espaço, cada caso individual é imediatamente ligado à política. “O caso individual torna-se, então, tanto mais necessário, indispensável, aumentado ao microscópio, quanto toda uma outra história que se agite nela. [...] um programa político”. (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 36) O que é escondido ou se passa no subsolo da grande literatura, se passa em plena luz, na literatura menor. A bicha, outrora pederasta pervertido, sobre aos palcos na poesia de Paulo Augusto.

A terceira característica dessa literatura menor é que tudo toma um valor coletivo, sendo essencial para tomar a obra de Paulo Augusto. O livro se torna um agenciamento coletivo de enunciação. “O que o escritor sozinho diz já constitui uma ação comum, e o que ele diz ou faz é necessariamente político, mesmo que os outros não estejam de acordo. O campo político contaminou todo enunciado”. (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 37) A poesia-bicha se torna um agenciamento coletivo – provocativo, subversivo e revolucionário.



A poesia-bicha de Paulo Augusto se faz por meio de uma enunciação coletiva, que dobra existências, identidades, categorias, sujeitos, corpos. Por meio da sua poesia, a bicha desarticula leis, estatutos, estratégias do Estado; tira sarro da polícia e suas táticas de controle; gonga a moral, o pudor, os bons costumes; não se deixa capturar pela máquina heterocapitalista; faz da sua existência uma experimentação do prazer, do gozo, do humor, pois sabe que ser bicha é uma maravilhosa potência.

3. Gênero e sexualidade: dispositivos ocidentais

Consideramos os dispositivos de gênero e sexualidade como parte de um maquinário heterossexual, que, baseado na saturação e recitação do código heterossexual, esforça-se para “naturalizar” determinados corpos: os corpos hétero-cis-sexuais – tornando todo restando peça “defeituosa” dessa máquina, que ou é “reajustada” ou é eliminada.

Segundo Foucault, a sexualidade, a partir do século XVIII, tem uma incitação política, econômica e técnica a ser constante dita, repetida, detalhada – e confessada. “O homem, no Ocidente, tornou-se um animal confidente”. (FOUCAULT, 2014, p. 66) A confissão se torna uma das técnicas mais sofisticadas e valorizadas na sociedade ocidental – em busca de se criar uma verdade – uma verdade sobre o sexo.

“Eu confesso” repetido milhares de vezes, “se inscreveu no cerne dos procedimentos de individualização pelo poder”. (FOUCAULT, 2014, p. 66) Essa obrigatoriedade a respeito da confissão vai criando discursos que vão construindo *verdades* (embora não verdadeiras) para o Estado – “desde então nos tornamos uma sociedade singularmente confessanda”. (FOUCAULT, 2014, p. 66) Por isso, a história da sexualidade do Ocidente pode ser considerada a história do discurso.

É nessas circunstâncias que o Estado traz a categoria, até então, inédita, de “população” para ser governada – sua alimentação, sua doença, sua sexualidade. Dessa forma, o Estado Moderno tem como configuração de governabilidade a população, ou seja, a governabilidade da vida, a biopolítica. Esta forma rege e regulamenta uma economia na vida dos sujeitos – e é como o Estado, ainda, organiza-se.

O sexo confessado, medido, diagnosticado, patologizado permitiu ao Estado um controle eficaz sobre a população, trazendo consequências nas vidas das pessoas – nas subjetividades, nas suas relações, nas suas identidades– ainda mais de pessoas muito *desviantes* desse código cis-heterossexual, diga-se bichas, sapatões, bis, travestis, transsexuais e uma série de existências que vai



muito mais além desses limites.

De tanto se falar sobre o sexo “e descobri-lo reduzido, classificado e especificado, justamente lá onde o inseriram procurar-se-ia, no fundo, mascarar o sexo [...] o simples fato de se ter pretendido falar dele do ponto de vista purificado e neutro da ciência já é, em si mesmo, significativo”. (FOUCAULT, 2014, p. 58) Esse esgotamento é fundamental para se compreender que o sistema heterocentrado é, no fundo, uma tentativa de se criar um sistema *central, natural e correto* – que deve ser perseguido por homens e mulheres, sobretudo, quando eles apresentam características “não-naturais”.

A bicha, como contrassujeito desse sistema, é, portanto, uma ameaça ao Estado.

A sexualidade, construída dessa forma, é uma tática de afirmação (e imitação) do sistema heterocentrado como único modo correto, normal, saudável e possível de se pensar o sexo, o gênero e seus nuances. Quaisquer desvios servem para reafirmar que o sistema verdadeiro é esse heterocentrado. Esses *desvios* – que são os gays, as bichas, as lésbicas e assim por diante – são fundamentais para se conceber a verdade, porque servem como contraponto ao que não serve ao Estado e que deve ser tratado – ou mesmo eliminado. “É somente mascarando uma parte importante de si mesma que o poder é tolerável”. (FOUCAULT, 2014, p. 77)

O Ocidente conseguiu, não somente e nem tanto, anexar o sexo a um campo de racionalidade [...] mas sobretudo colocar-nos, inteiros – nós, nosso corpo, nossa alma, nossa individualidade, nossa história –, sobre o signo de uma lógica concupiscência e do desejo. (FOUCAULT, 2014, p. 86)

O Estado nos coloca por inteiro ao seu controle – sexo, gênero, desejo, vontade. Em busca do governo da população, controla-se (ou se esforça) para controlar toda a vida por inteiro. É necessário controlar e manter a vida das pessoas produtivas para esse Estado – cuidar de sua saúde, de sua sexualidade, de seu gozo, de suas perversões.

O corpo clinicamente definido – cis-heterossexual, de preferência, branco – é o sujeito desse Estado Moderno.

Dessa forma também se constituíram os discursos das ciências – naturais e humanas. Para Preciado (2014, p. 77), esses discursos “continuam carregados de retóricas dualistas cartesianas de corpo\espírito, natureza\tecnologia, enquanto os sistemas biológicos e de comunicação provaram



funcionar com lógicas que escapam a tal metafísica da matéria”.

Os binarismos, longe de conseguir compreender, limitam e recitam o código heterocentrado, deixando determinados sujeitos à margem. Como afirma Butler (2017, p. 47), “a regulação binária da sexualidade suprime a multiplicidade subversiva de uma sexualidade que rompe hegemonias heterossexual, reprodutiva e médico-jurídica” – servindo para regulamentar essa biopolítica.

O problema dessa forma de governabilidade, ou, pelo menos, um dos, está, justamente, nas pessoas que *desviam* suas condutas das esperadas pelo Estado – as multiplicidades subversivas, como afirmou Butler. Os corpos pederastas, afeminados, baitolas, sapatões, travestis são postos à marginalidade por meio de estratégias complexas – privados de direitos e, na própria lógica do Estado, devolvidos à morte. Não é de se estranhar que o índice de mortos ligados às minorias sexuais seja tão grande – fora os que sequer aparecem em dados.

Como afirma Preciado (2014), o sistema heterocentrado se esforçou para inscrever, nas áreas do saber(-poder) e nas práticas sociais, uma tecnologia de controle heterossocial, a qual reduz os corpos a uma natureza biológica e a limitadas zonas erógenas “em função de uma distribuição assimétrica de poder entre os gêneros (feminino/masculino), fazendo coincidir certos afetos com determinados órgãos, certas sensações com determinadas reações anatômicas”. (PRECIADO, 2014, p. 149) Para esse sistema, o homem e a mulher, biologicamente, saudáveis, limitam-se e se contem ao pênis e à vagina – tendo a penetração vaginal como única forma de sexualidade – certamente, na posição mamãe/papai.

Essa tecnologia se esforça para criar uma natureza humana que, por sua vez, inscreve-se nos corpos, nos espaços e nos discursos a equação de que a natureza é igual à heterossexualidade. Somente dessa forma é possível pensar que existem papéis e práticas de gênero e sexuais, que são reduzidos ao masculino e ao feminino e, além disso, que são naturais. Essas práticas e papéis “são um conjunto arbitrário de regulações inscritas nos corpos que asseguram a exploração material de um sexo sobre outro”.(PRECIADO, 2014, p. 79)

O sistema de gênero e sexo é, então, um sistema de escritura.

Nesse sistema, o corpo é um “texto social” construído, ou seja, um arquivo “orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual”. (PRECIADO, 2014, p. 26) Nesse corpo, alguns códigos são naturalizados, outros são omitidos – e ainda existe aqueles que são



riscados e postos fora das inscrições.

Para Preciado (2014, p. 26), mesmo os órgãos que reconhecemos como naturalmente sexuais são produtos de uma tecnologia sofisticada do sexo que prescreve o contexto em que os órgãos têm sua significação (relações sexuais), onde são utilizados como propriedade, de acordo com sua “natureza” (relações heterossexuais). Por conseguinte, “os contextos sexuais se estabelecem por meio de delimitações espaço-temporais oblíquas. A arquitetura é política”. (PRECIADO, 2014, p. 31)

O problema da bicha nasce, juntamente, com ela. O sujeito que não se enquadra nesses códigos, práticas e papéis de gênero e sexo são, por si, um problema ao sistema heterocentrado. Por isso, é evidente que o Estado procura, de todas as formas, controlar e regular suas práticas – seja pela educação, pelas práticas gênero-sociais, seja pela demonização de práticas sexuais e, em muitos casos, pela marginalização de sujeitos.

Apesar desse esforço do maquinário heterossexual de controlar os corpos, que usa da violência e da morte como uma das táticas, os sujeitos estão, constantemente, criando linhas de fuga, criando estratégias e existências muito além do sexo e do gênero heterocentrado.

A bicha é um desses sujeitos.

Sua existência provoca o Estado – mostra que essas *verdades* inscritas nos discursos ocidentais sobre gênero e sexualidade não passam de uma mentira repetida milhões de vezes. Perseguida, a bicha corta com sua navalha afiada toda linha cis-heterossexualizante, sobrevive fugindo da polícia, das leis, da moral cristã – dos limites que nunca a couberam.

4. A bicha na poesia de Paulo Augusto

A bicha em *Falo* conhece as estratégias do Estado em combatê-la. Conhece tão bem as táticas da maquinaria heterocentrante que a subverte, resiste e contra-ataca. Sua existência é híbrida – é estado de espírito, de choque, de sítio de graça – tudo, e sobretudo, num só.

A bicha, em Paulo Augusto, se constitui problematizando tanto a sua quanto as nossas existências. Ele sabe que ser bicha é um perigo, uma ameaça – um “*defeito*”, por assim dizer, que o maquinário heterocentrado se esforça, constantemente, em eliminar.

O motivo é evidente: a bicha faz com que toda escritura cis-heterossexual seja posta em



xeque. Mesmo perseguida, ela cria estratégias e formas de lidar com as tecnologias que procuram exterminá-la, subvertendo esse maquinário ao seu modo. Em *Falo*, a bicha percorre (e, por vezes, racha) construções heteronormativas – reinventando as possibilidades de sua existência, ainda que isso custe muito.

Já de início a bicha nos provoca: nomeando o livro de *Falo*.

Antes mesmo de abrir e folhear os poemas, a pergunta vem: quem tem falo? A bicha tem falo? A bicha fala? A bicha é fállica? O que é o falo presente em *Falo*?

Para a bicha, portar-se fállica é uma ironia, uma brincadeira; uma problematização de território psicanalista: o falo do homem.

Alguém, de fato, o possui? Com quantos falos se faz um homem? Uma bichinha pode tê-lo ou isso é propriedade dos sujeitos heterocentrados? O falo da bicha, por assim dizer, não seria uma desterritorialização da idealização do falo? A bicha não estaria traçando uma linha de fuga para a concepção de ausência fállica?

No entanto, o *falo*, da bicha em Paulo Augusto, também é verbo: *eu falo*. A bicha é dúbia, nesse sentido. Ela tem um falo ou ela pode falar? Ou duas coisas numa só? A bicha já traça linhas de fuga em seu início: despistando lacanianos, afirmando ter falo, mas os enganando, utilizando a palavra homônima.

Zamboni (2016, p. 12) estava certo quando disse que a bicha é “um fluxo que atravessa nossa contemporaneidade, provocando-nos a pensar. [...] uma existência paradoxal que corrói as formações do ser”. Por isso, a existência-bicha não cabe no sonho psicanalista – pelo contrário, ela o provoca.

Nas poesias, a bicha não é diferente. Ela traz as figuras estatais que procuram exterminá-la – em suas palavras, fodê-la!

Estatuto é um desses exemplos. Na poesia, a bicha recita os perigos que vive, sobretudo, vivendo durante uma Ditadura Militar. Nessa poesia, a figura da polícia é marcante – buscando inspecioná-la, investigá-la, amedrontá-la:



Ser bicha é ser enquadrado
no inciso C
do parágrafo terceiro
do artigo 24
da lei de segurança inter nacional.

É ter medo à flor da pele,
é ter a língua ferida,
a boca rubra, o beijo fácil,
o amor saindo pelos poros.

Ser bicha é um estado de espírito,
de choque, de sítio,
de graça.[...]

Ser bicha: ser inspecionado,
é ter revirado
o passado
e investigado o medo –
subindo o cheiro saudoso
dos primeiros tempos.

É a polícia, acesa e trêmula
no encalço do baitola
amedrontado.

Ser bicha é uma piada de mau gosto
contada por um bêbado chato
num bar da Lapa

Ser bicha é ser metade gente,
a outra metade - o povo,
gargalha garganta a dentro
ri e galhofeiro.

É Ter parte com o demônio,
aprendiz de feiticeiro.
É estar entre, no meio, ser meta-de
Outros homens. (AUGUSTO, 2003, p. 43-44)

A bicha sabe os perigos que ser quem ela é.

Ela é perseguida pela polícia – que procura encaixá-la em qualquer crime que seja possível. Não é por acaso que ela cita a Lei de Segurança “internacional” que buscava manter a ordem e controlar os distúrbios sociais. A existência da bicha é um atentado ao Estado. Seu trejeito, seu porte, sua vida é pura subversão – causa mal a um regime de exceção ditatorial, sobretudo, moralista e cristão como fora o nosso.

A bicha tem o medo à flor da pele.

Ela vive com a língua ferida, a boca ensanguentada – a polícia não a aborda como um cidadão, pelo contrário, abordagem é truculenta, causa tremor, amedronta. Por ser um perigo para ordem



moralista que rege o país, a polícia não perdoa, se aproveita, inspeciona, revira, investiga o medo – procura controlar seu corpo, seu jeito, seu prazer.

Não somente a polícia a persegue, os cidadãos também fazem seu papel civil. Sobretudo, bêbados e chatos em um bar qualquer. A bicha, quando passa, é piada de mau gosto na Lapa. Sua vida é atravessada, constantemente, por essa ridicularização, como bem apontou Oliveira (2017). A chacota, a piada e a ridicularização são características constantes na vida da bicha.

Desde sua infância, há alguém rindo do seu jeito, do seu modo de falar – tudo é motivo de piada, sua vida não é levada a sério. Metade da vida da bicha vira gargalhada para o povo. Há um esforço por *desumanizar* a bicha por meio dessa chacota.

Por isso, ela se vê metade gente – constantemente, no meio, no entre das identidades, dos sujeitos, dos gêneros, das sexualidades. Mesmo potencialmente criativa, a vida é perversa – afinal de conta, sentir-se estrangeira em quaisquer ambientes obrigamos a ir à margem, a passar correndo pelo centro (no meio).

No entanto, sua potência não pode ser deixada de lado – seu devir-revolucionário resplandece nas existências, como um vendaval. Ela entende o paradigma que é ser bicha. A bicha ultrapassa as estruturas e cria linhas de fuga. Nem homem, nem mulher, necessariamente. Mas contradição, por mostrar que esses papéis de gênero e sexualidade são mais frágeis do que aparentam ser – metade gente, portanto, de acordo com o maquinário heterocentrado. No entanto, completa para sua existência, sua vida, seus desejos.

O que parece, na verdade, é contrário. O que não cabe na multiplicidade da vida da bicha, no gozo, na felicidade é a limitação de ser um homem cis-heterossexual. Ainda que para a bicha a vida é “vida-medo” (AUGUSTO, 2003, p. 56), a vida também é agenciamento, potência.

Há dor, mas também há delícia em ser bicha.

Por isso, a bicha vive em vários estados – em estado de espírito, de choque, de sítio, de graça. Ela transita mundos, modos de vida, emoções, subjetividades, dispositivos. Entre o choque e a graça; entre o espírito e o estado de sítio; a bicha se faz permanente andarilha – nômade em sua existência e, sobretudo, por conta desta.

Em *System-Attica*, a bicha demonstra seu sistema: perseguido, tributado, constantemente, cis-



heterossexualizado. No entanto, ela o nega, renega, finge não ouvir – fazer-se de *mouca* é uma das suas estratégias. A bicha abomina as práticas do Estado, porque sabe que ele a inveja na maravilha que é ser fresca:

SYSTEM-ATTICA

Porque sou fresco,
hábil, lépido,
a gerontocracia sente medo,
se arrepia como um rato.
Cospe leis, editos, atos.
Se agasalha, modorrenta, rouca,
recua na cadeira de balanço
botando graxa
na dobradiça das pernas.
A tosse, a vista cansada,
a velha despótica me espreita.

Quando exibio meu porte,
meu corte,
me chama de trans
viado me cobra pedágio - a doida
quer me ver casado,
parindo mão-de-obra
para eternizá-la.
Para destruí-la, esterilizo-me.
Minha praxis.
Por puro capricho
me amedronta, me persegue, me degrada.
Nego, renego, faço ouvido mouco.
Se me encontra pela rua
madrugada
quer violentar-me,
ver meus documentos,
me revista e se delicia
apalpando minhas partes,
pensa em coito.
Nego, renego, abomino.
E ficamos eternamente
nessa cachorrada.

Quer me tributar,
me chupar – foder-me
porque sabe que é maravilhoso,
ser fresco
como um dia de Domingo
ensolarado e pendurado
no varal. (AUGUSTO, 2003, p. 35-36)

Supomos que “Attica” possa se referir a uma rebelião que ocorreu no presídio de Attica, em Nova York, anos antes a publicação do livro, em 1971. Faz sentido, pois, a bicha se configura, nessa poesia, por meio da rebelião, como em todo o livro. Ainda que o sistema tente controlá-la, na figura



da uma velha despótica, a bicha rejeita, faz rebelião, guerra se for preciso (attica).

Sua existência é um estado de rebelião – na infância, na juventude, nos anos de adulto e na mariconice – a bicha resiste, subverte, se rebela.

O Estado (a gerentocracia⁴ cafona) “sente medo, / se arre pia / como um rato. / Cospe leis, editos, atos”. (AUGUSTO, 2003, p. 35) A bicha sabe que sua existência causa horror ao sistema heterocentrado – à velha despótica, agasalhada, estúpida, numa cadeira de balanço. Quando a bicha exhibe seu porte, seu corte, a velha despótica lhe “chama de trans / viado / [...] cobra pedágio”. (AUGUSTO, 2003, p. 35)

A existência da bicha é uma ofensa ao sistema.

Seu trejeito, seu porte, seu gozo ante os códigos masculinos ofende por mostrarem que esses códigos são uma cafonice. A velha doida tenta empurrar a bicha ao sistema. Força que a bicha se case, monogamize-se em um patrimônio heterossexual, “parindo mão-de-obra para eternizá-la”. (AUGUSTO, 2003, p. 35) Essa velha faz parte do capitalista, precisa de mão de obra e a bicha é um sujeito antiprodutivo – não tem gera cria, causa rebelião, vive o gozo, é antiburocrática.

Retomando o argumento Foucault (2014), o Estado moderno governa a população por meio de uma biopolítica. A vida dos sujeitos e os modos de viver são problemas importantes para o Estado, afinal de contas, eles constituem a população – sua saúde, sua sexualidade, sua reprodução são pautas centrais. Esse Estado procura uma população produtiva: que trabalhe, seja mão de obra, tenha filhos, netos, bisnetos. O matrimônio se configura como processo necessário para organizar os corpos. A bicha nega, renega, abomina essas prescrições sociais.

Os atos da velha despótica são parte dessa biopolítica. A bicha se articula como um sujeito contrasistemático – rebelde ao sistema. O Estado, percebendo esse sujeito subversivo e perigoso, tenta de todas as formas “corrigir” a bicha a um sujeito produtivo e heterocentrado.

A bicha é perigo.

Por isso, a velha amedronta, persegue e degrada esse sujeito. A bicha nega, renega se faz de

⁴ Gerentocracia é uma forma de poder oligárquico governada por líderes mais velhos.



mouca. Quando encontra a bicha pela madrugada, quer violentá-la, exige seus documentos. Revista e se delicia com as partes da bicha, “pensa em coito”. (AUGUSTO, 2003, p. 35) Novamente, a bicha nega, renega, abomina. A velha quer tributá-la, chupá-la, fodê-la. “Porque sabe que é maravilhoso/ser fresco/como um dia de Domingo/ensolarado e pendurado/no varal”. (AUGUSTO, 2003, p. 36) A velha teme a bicha, porque sabe que a bicha desestabiliza sua verdade, sua sexualidade, sua identidade e que apesar de tudo isso vive maravilhas.

A bicha é atraente. Ela confunde o que se acreditava como verdade – causa horror ao sistema heterocentrado que se esforça para afirmar códigos e condutas como verdadeiros nos corpos dos sujeitos. É um estrondo, desterritorializa todo território cis-heterocentrado em uma experiência de gozo, maravilha e frescura – como “como um Domingo/ensolarado e pendurado no varal”. (AUGUSTO, 2003, p. 35)

5. Ser bicha é ato revolucionário

A bicha, em Paulo Augusto, se faz como contrassujeito do maquinário heterocentrado. Sua vida não cabe no falo. Pelo contrário, sua existência é múltipla, criativa, relacional. Justamente, por isso, é mais perigosa. Também, por isso, existem tantas táticas para capturá-la, para castrá-la.

Trans, viado, homossexual, homem, mulher – a bicha causa confusão epistemológica. Ela não cabe em definições bem amarradas e quadradas. Seria mais *fácil* compreendê-la indo a uma sociedade Kaxinawa e pensá-la como um *beinghuman*, como afirma Lagrou (2007). Igualmente, há fluidez na forma da bicha – uma fluidez relacional, que confunde, que distorce, que não se amarra ao Estado Ocidental.

Ceder o pensamento à bicha é permitir uma descentralização antropológica de nossas definições acerca de gênero e sexualidade. A bicha permite o choque de categorias – uma confusão epistemológica. Precisamos, não a amarrar a uma categoria sociológica, mas expandir o pensamento a novas formas de existência – sempre com uma vírgula e muitos “e”.

Aproximando-se da proposta de Michel Agier (2012) de descentralizar a antropologia, pensando o sujeito como uma terceira categoria, a bicha surge desse choque e da descentralização de categorias. Assertivamente, Agier (2012) sugere que tomemos os sujeitos que estão à margem, mas que tomemos a margem como seu centro – não mais em relação ao centro. Seu esforço é o de perceber que há relações, agenciamentos e potencialidades dentro da margem. Na poesia de Paulo Augusto, a bicha existe na sua



margem – ela atua, desconcerta e se faz dentro dessa margem, cavada pela máquina heterocentralizante.

A bicha nos permite pensar de outra forma, além da cis-heterossexual. Ela nega seu papel de operário capitalista; ela rejeita a sexualidade limitada; não aceita terminações de gênero apertadas demais. Por isso, ela causa mal-estar – é rejeitada, excluída, tornada demônio. No entanto, subverte, resiste, revoluciona.

Quando o sistema tenta confiscá-la, ela foge, escapa. A bicha atravessa nossas construções, “provocando-nos a pensar – ou seja, a nos diferenciar do que nos tornamos”. (ZAMBONI, 2016, p. 12) A existência da bicha nos provoca questionar toda essa construção acerca do sexo, do gênero e de suas práticas, permitindo que ver que esses dispositivos – ainda que muito complexos – são completamente frágeis, duvidosos e limitados. Mas ela permite, acima de tudo, que eles “também podem se tornar completa e radicalmente *incríveis*”. (BUTLER, 2017, p. 245)

A bicha surge como agente revolucionário da normatividade. O sexo e o gênero são passíveis de problematização, sobretudo, quando observamos os traços da bicha. Sua existência, longe de criar um ponto final, cria diversos pontos de interrogação.

A bicha recusa a margem, mas também sofre por isso – o Estado, a polícia, as figuras despóticas tentam capturá-la, modificá-la. Mas a bicha nega, rejeita, abomina qualquer tentativa de torná-la o que ela não é. Por isso, o agenciamento-bicha é revolucionário. A poesia-bicha de Paulo Augusto, igualmente, se torna revolucionária.

Na poesia-bicha de Paulo Augusto, percebemos esses traços e essas subversões. Mesmo com todo um maquinário buscando prendê-la, ela sobrevive, maravilhosamente. Há leveza, apesar da dureza da violência. Há sol, apesar do chumbo. Há felicidade, apesar do medo que a sujeitam.

A poesia de Paulo Augusto, certamente, não acabará com a homofobia. Não mudará o curso dessa guerra travada a quem não se adequa a uma maquinaria limitada. Mas há, definitivamente, consequências políticas dessa poesia. Podemos aproximar com as reflexões de Judith Butler (2015) acerca das poesias *de guerra*.

Para Butler (2015), as poesias de guerra são “oriundas de cenários de subjugação extrema, são o testemunho de vidas obstinadas, vulneráveis, esmagadas, donas e não donas de si próprias, despojadas, enfurecidas e perspicazes”. (BUTLER, 2015, p. 96-97)



A poesia-bicha faz parte dessa “rede de comoções transitivas” (BUTLER, 2015, p. 97):

[...] na sua criação e na sua disseminação – são atos críticos de resistência, interpretações insurgentes, atos incendiários que, de algum modo e inacreditavelmente, vivem através da violência à qual se opõem, mesmo que ainda não saibamos em que circunstância essas vidas sobreviverão. (BUTLER, 2015, p. 97)

A poesia-bicha de Paulo Augusto nos permite perceber que, mesmo na margem, na violência, no medo, não há maravilha maior que ser fresco – que ser bicha. Procedendo a bicha, encontramos seu devir-revolucionário – seu agenciamento acontece por meio do gozo, da frescura, da maravilha como um dia ensolarado e esvoaçado de domingo.

Referências

- AGIER, M. Pensar el sujeto, descentrar la antropología. *Cuadernos de antropología social*, Buenos Aires, n. 35, p. 9-27, 2012. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1850-275X2012000100002&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 31 jan. 2018.
- AUGUSTO, P. *Falo*. 2. ed. Natal: Sebo Vermelho, 2003.
- BUTLER, J. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- BUTLER, J. *Problemas de Gênero: feminismo e Subversão de Identidade*. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. v.1.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- LAGROU, E. *A fluidez da forma: arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica* (Kaxinawa, Acre). Rio de Janeiro: TopBooks, 2007.
- OLIVEIRA, M. R. G. *O Diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.
- PRECIADO, P. B. *Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014.
- ZAMBONI, J. A bicha na emergência da homossexualidade cultural: Peter Fry e o que o inglês não viu. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 30, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100243&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 31 dez. 2018.
- ZAMBONI, J. *Educação Bicha: uma A(Na[L])Rqueologia da Diversidade Sexual*. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.
- ZAMBONI, J.; BALDUCCI, R. R. Uma filosofia da diferença bicha. In: RODRIGUES, A.; BARRETO, M. A. S. C. (org.). *Currículos, gêneros e sexualidades: experiências misturadas e compartilhadas*. Vitória: EdUFES, 2013.

